**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DO PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL DA EMBAP: revisões e legendas - Fernando Velloso e Estela Sandrini**

Samara Andreatti Nascimento de Oliveira (Fundação Araucária)

Unespar/*Campus de Curitiba I* – e-mail: samara.andreatti.38@estudante.unespar.edu.br

Lilian Hollanda Gassen

Unespar/*Campus de Curitiba I* – e-mail: lilian.gassen@ies.unespar.edu.br

Programa de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC

Linguística, Letras e Artes

**INTRODUÇÃO**

Este artigo refere-se à pesquisa em História Oral a partir da utilização de fontes orais, com foco nos estudos de caso de duas entrevistas gravadas pelo Programa de História Oral da Escola de Música e Belas Artes do Paraná[[1]](#footnote-0), a partir dos depoimentos de Estela Sandrini[[2]](#footnote-1) e Fernando Velloso[[3]](#footnote-2), ambos filmados em 2017, transcritos em 2017 e 2018 respectivamente. O resultado desta pesquisa é a revisão completa das duas transcrições, a produção de legendas para essas transcrições que comporão a edição dos dois vídeos das entrevistas filmadas, para sua posterior inserção como documentos no acervo digital de história oral, ARQVART[[4]](#footnote-3).

Para nossos trabalhos de revisão e pesquisa das transcrições das entrevistas, a metodologia utilizada foi subdividida em etapas, e segue os procedimentos apresentados no livro Manual de História Oral de Verena Alberti[[5]](#footnote-4). Tais etapas são adotadas como padrão metodológico para todas e todos os pesquisadores que participam do Programa para a unificação dos procedimentos e resultados de pesquisa, considerando o arquivamento desses resultados no ARQVART.

Para nossos estudos de caso adotamos uma abordagem teórica, que discutiu algumas características das entrevistas que revisamos, originária do campo de pesquisa chamado de História Oral. Neste campo o desenvolvimento teórico e científico tem sustentado pesquisas aprofundadas e qualitativas, e segundo Julie Cruikshank a ““História Oral” é uma expressão mais especializada, que em geral se refere a um *método* de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular.” (2006, p. 151)

Essa noção de "testemunho", como discutida por Cruikshank, quando adotada para os depoimentos relativos às histórias de vida, fazem dessas entrevistas gravadas certo tipo de autobiografía específica que se conecta ao contexto, ou seja, ao campo artístico no qual nossos entrevistados Estela Sandrini e Fernando Velloso pertencem. Tal especificidade das entrevistas caracterizadas pelo tipo de história de vida[[6]](#footnote-5), quando revisadas em conjunto podem apresentar verossimilhanças acerca da história de conformação do próprio campo em que os agentes entrevistados estão inseridos.

Os casos mais comuns são as informações cruzadas entre as entrevistas, onde datas, cidades, eventos e especialmente nomes próprios são informações que se repetem continuamente. Por isso, o Programa padronizou a formatação das entrevistas transcritas, a partir de uma ficha técnica que apresenta um índice dos assuntos abordados nos depoimentos como: “Origens” ou “Formação”. Tais assuntos são marcados com a minutagem correspondente ao áudio para sua fácil localização.

Segundo Alistar Thomson, Michael Frisch e Paula Hamilton, a ocorrência de informações cruzadas na história oral relaciona-se a idade e ao meio cultural dos entrevistados e demarcam assim uma memória cultural coletiva, ou seja, uma "rememoração cultural" (2006, 65-91). A localização da ocorrência de “rememoração cultural” nos depoimentos de Estela Sandrini e Fernando Velloso foi de suma importância para nosso trabalho de revisão das transcrições.

A partir dessa localização pudemos encontrar precisão e imprecisão de dados específicos, mediante a comparação de substantivos como: nomes próprios, datas, locais, funções e siglas que apareceram nas entrevistas. E esse cruzamento de dados se mostrou informativo para o aprofundamento e correções na pesquisa de ambos os depoimentos.

Segundo Jorge Eduardo Aceves Lozano (2006, pg 15-25) e Julie Cruikshank (2006, pg 149-164), a evidência da história oral colabora para percepção, no tempo e no espaço, da experiência humana do passado assim como a construção social do presente, pensando a viabilidade dos fatos narrados como documentação dentro de outras áreas como a história, antropologia e sociologia.

Mediante esses enfoques e abordagens, nosso principal objetivo neste artigo é apresentar, a partir da metodologia utilizada na revisão das transcrições das entrevistas gravadas, com base no Manual de História Oral de Verena Alberti, as particularidades que as duas transcrições apresentaram conjuntamente, conectando a teoria com o estudo de caso individual. Elaborando tabelas comparativas, acompanhadas da descrição metodológica utilizada para a etapa de revisão de transcrição em questão, e na sequência enunciando como, dentro das verossimilhanças notadas, a História Oral atua a partir de nossas fontes orais.

Deste modo podemos entender que a pesquisa com fontes orais hoje, ainda estabelece um papel de importância, já que “[...] a história oral tem, mais que nunca, o imperativo de testemunhar, tendo a coragem de permanecer história diante da memória de testemunhos fragmentados que têm o sentimento de uma experiência única e intransmissível [...]”. (JOUTARD, 2000, p. 35)

Portanto podemos concluir que, com o trabalho realizado com as revisões de transcrição das entrevistas de Fernando Velloso e Estela Sandrini, criamos o “corpo” de pesquisa e documentação, com as etapas de revisão, possibilitando que a ampliação de arquivos a partir de fontes orais seja ainda maior e sólido. Colaborando também para a conservação da entrevista oral, visando o documento escrito como mais uma forma de registro além da entrevista gravada.

**METODOLOGIA APLICADA À REVISÃO DE TRANSCRIÇÃO: Entrevistas de Estela Sandrini e Fernando Velloso**

Para a realização das revisões de transcrição, utilizamos o áudio bruto[[7]](#footnote-6) da entrevista. Logo no início da utilização dos áudios para a revisão de transcrição, notamos uma aceleração sutil[[8]](#footnote-7) em ambos os áudios na voz dos entrevistados e entrevistadores. O que dificultou nosso trabalho para acompanhar e verificar a sequência das informações na comparação entre os arquivos de áudio e as transcrições.

Resultante dessa alteração de velocidade durante a realização das etapas de revisão da transcrição, recorremos ao aplicativo Windows Media Player (WMP)[[9]](#footnote-8), pré-instalado no dispositivo utilizado, para corrigir a configuração de velocidade de execução do áudio, para que o trabalho de interpretação do que o entrevistado estava narrando fosse compreendido.

Superada essa dificuldade inicial com a escuta dos áudios para suas análises comparativas com as transcrições, passamos ao trabalho propriamente de revisão. Este trabalho requer uma padronização que permita que o resultado final, ou seja, a última etapa de revisão, esteja dentro de uma formatação clara e compreensível para o leitor. Para isso, realizamos três etapas de revisão de transcrição. No Manual de História Oral, Verena Alberti comenta que:

[...] as etapas do processamento são realizadas sucessivamente, de modo que a qualidade de cada uma delas influirá na realização das posteriores. Isso significa, por exemplo, que quanto melhor a transcrição de um depoimento, mais fáceis e ágeis serão as tarefas subsequentes. [...] (ALBERTI, 2004, p. 282)

Na 1° etapa de revisão realizamos a conferência de fidelidade na transcrição, que implica na identificação de início de depoimento, quebra de um assunto ao outro, interrupções de gravação e identificação de final de depoimento, todos com a minutagem referente ao áudio; demarcação de trecho ou palavra inaudível; identificação de emoções; demarcação de omissões, acréscimos e correção de palavras escritas incorretamente; demarcação de palavras próprias para pesquisa, etc.

Na 2° etapa procedemos com a inserção de pesquisa em notas explicativas; demarcação de pesquisa que necessita de ajuda do entrevistado; demarcação de omissões, acréscimos e correção de palavras escritas incorretamente, e, por fim, a retirada de todas as repetições demarcadas.

Na 3° e última etapa trabalhamos no copidesque, ou seja, na adequação do texto transcrito para a leitura, em que revisamos a pontuação; as supressões; analisamos a necessidade de pequenos acréscimos para a fluidez e clareza do texto lido e a finalização da pesquisa de substantivos.

Para a transcrição de uma entrevista é realizada uma ficha técnica, e durante a primeira etapa de revisão de transcrição, ocorre a inserção das quebras do texto ou “quebras de assunto” em tópicos, entre colchetes, caixa alta, em negrito e com marcação do tempo (H:MIN:SEG), que são inseridas tanto na ficha técnica quanto no meio do texto, para identificar quando ocorre a quebra de assunto, como demonstrado abaixo:

**Tabela 1 - Ficha Técnica**

| **Estela Sandrini** | **Fernando Velloso** |
| --- | --- |
| INFÂNCIA – 00:00:32  PASSAGEM DO COLÉGIO À BELAS ARTES - 00:09:40  FORMAÇÃO ACADÊMICA - 00:18:27  MERCADO DE ARTE - 00:32:31  IDA PARA BUENOS AIRES - 00:41:28  IDA PARA OS ESTADOS UNIDOS - 01:19: 31  FACULDADE NOS ESTADOS UNIDOS - 01:22:28  EXPERIÊNCIA NA EMBAP - 01:30:20  SALÕES E EXPOSIÇÕES DE ARTE - 01:38:47  PERDA DE VISÃO - 01:41:00  DIRETORIA DO MUSEU OSCAR NIEMEYER - 01:43:56  RELIGIÃO - 01:57:03 | INFÂNCIA E FAMÍLIA - 00:00:57  ORIGENS - 00:07:50  CURITIBA NA DÉCADA DE 1930 E 1940 - 00:12:32  PERÍODO DA 2° GUERRA MUNDIAL EM CURITIBA - 00:21:14  A ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PR - 00:23:56  “COMPANHEIROS DE ARTE” - 00:52:59  EXCURSÃO PARA BIENAL DE ARTE EM SÃO PAULO - 01:05:53  A SEDE PRÓPRIA DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PR - 01:20:08  MERCADO DE ARTE - 01:32:52  GALERIAS DE ARTE EM CURITIBA - 01:37:44  PROCESSOS DE PINTURA - 01:43:20 |

Com a ajuda do áudio identificamos na transcrição, entre colchetes, caixa alta, centralizado e em negrito, o início e o final do depoimento, ex: [INÍCIO DO DEPOIMENTO] e [FINAL DO DEPOIMENTO], para a compreensão do leitor de que não houve cortes do texto transcrito. Mas, durante a realização da filmagem da entrevista pode ocorrer pausas, sendo elas: 1. realizadas pelo entrevistado, que se caracterizam por interrupções aleatórias no meio da história descrita pelo entrevistado, ou, 2. pausas combinadas entre entrevistado e entrevistador, que são demarcadas por [INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO], para compreensão do leitor quanto a perguntas como: "Aonde mais que eu estava mesmo?”. Exs:

**Tabela 2 - Interrupção de gravação**

| **Estela Sandrini** | **Fernando Velloso** |
| --- | --- |
| **EX. 1-** [...][NÃO ESTÁ MUITO SOL AI PARA VOCÊ] [...]  **EX. 2-** [...] **L.G -** Acho que a gente podia fazer uma pausinha, até para ver os cartões de memória daí a gente volta.  **[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]**  **E.S -** Aonde mais que eu estava mesmo? [...] | **EX. 1-** [...][TOQUE DE TELEFONE]. Então, como eu ia contando, eu fiquei com vida dupla como a maior parte das pessoas ficaram. [...]  **EX. 2-** [...] **LG -** Depois a gente retorna e eu lembro de perguntar.  **[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]**  **LG -** Falar um pouco do que estávamos falando antes de darmos, digamos essa pausa aí. [...] |

Durante o processo de transcrição e revisão de entrevista é possível ocorrer trechos ou palavras que se tornam inaudíveis, porque são pronunciadas em outro idioma ou por conta da dicção do entrevistado. Em decorrência da alteração de velocidade do áudio da entrevista e a pronúncia em outro idioma, o trecho e palavra inaudível ocorreu em apenas uma revisão de transcrição, estes trechos devem ser colocados entre colchetes e em negrito, mantendo a ordem da fala, apesar da tentativa de identificação da palavra, ex:

**Tabela 3 - Trecho "INAUDÍVEL"**

| **Estela Sandrini** |
| --- |
| **Ex. 1-** [...] Tinha aula por exemplo de discussões, então de noite a gente se encontrava com o grupo para discutir **[INAUDÍVEL]**… da América Latina. [...]  **Ex. 2-** [...]a gente tinha uniforme, pegava uniforme, uniforme que não sei o que, respeitava fazia reverência para Mamer **[INAUDÍVEL]**, para Macer **[INAUDÍVEL].** [...] |

Esses trechos são marcados para pesquisa paralela, na tentativa de solucionar a seção inaudível para que o sentido geral da fala do entrevistado não se perca. Essa pesquisa pode ser realizada a partir de aplicativos de tradução, livros, documentos, através de outras entrevistas ou diretamente com o entrevistado, em um segundo contato.

E na entrevista transcrita, sem o acompanhamento do áudio ou vídeo, emoções podem não ser compreendidas pelo leitor, assim como piadas, silêncio ou tosse, por isso é realizada a identificação de emoções quando necessário, entre colchetes e mantendo a ordem da fala, ex:

**Tabela 4 - Identificação de emoções**

| **Estela Sandrini** | **Fernando Velloso** |
| --- | --- |
| **Ex. 1-** [...] Meu pai fazia brincadeira comigo: “eu pedi para Deus uma cueca e Deus me trouxe uma Teca" [risos]. [...]  **Ex. 2-** [...]estou falando no "eu", porque a pergunta é direta à mim, porque eu não gosto de falar muito no eu, que nada, a gente gosta [risos]. [...] | **Ex. 1-** [...]Eu ia para escola sozinho, não havia o menor perigo, a palavra perigo nunca existiu na minha infância, [tosse]. [...]  **Ex. 2-**  [...] É aquela que eu chamo a melancolia do curral [risos]. Isso era inerente, continua, mas é.[...] |

Já na segunda etapa de revisão ocorre uma pesquisa paralela, destacada com a cor verde, que é inserida na transcrição da entrevista por meio de notas de rodapé. Tal inserção pode ser como a de uma mini biografia; a de títulos de obras; de siglas ou nomes próprios; ou explicação de um possível “erro de conteúdo” como datas ou nomes. É realizado, também, a explicação de termos técnicos, palavras específicas e gírias. Nos exemplos a seguir temos a frase dita pelos entrevistados e as notas de rodapé:

**Tabela 5 - Pesquisa paralela**

| **Estela Sandrini** | **Fernando Velloso** |
| --- | --- |
| **Frase:** [...] Porque ele tinha passado uma experiência de que a mãe dele ficou viúva, quando ele tinha nove anos, o pai dele tinha morrido com a gripe espanhola¹, que foi aquela gripe de 1903². [...]  **Notas de Rodapé:** [...] **¹**Gripe Espanhola - também conhecida como gripe de 1918, foi uma vasta e mortal [pandemia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia) do vírus [influenza](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gripe). De janeiro de 1918 a dezembro de 1920, infectou uma estimativa de 500 milhões de pessoas, cerca de um quarto da população mundial na época. Estima-se que o número de mortos esteja entre 17 milhões e 50 milhões, e possivelmente 100 milhões. Tornando-a uma das [epidemias mais mortais](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_epidemias) da história da humanidade. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gripe_espanhola> acesso em 01/02/22  **²**A data correta é 1918.[...] | **Frase:** [...] Eu só fui aprender a trabalhar com qualidade de material lá na cidadinha de Paris¹, onde a coisa é levada a sério. [...]  **Nota de Rodapé**: [...] ¹Paris - é a [capital](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital) e a [mais populosa cidade](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_das_cidades_mais_populosas_da_Fran%C3%A7a) da [França](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7a), com uma população estimada em 2020 de 2 148 271 habitantes em uma área de 105 quilômetros quadrados. Desde o século XVII, Paris é um dos principais centros de finanças, diplomacia, comércio, moda, ciência e artes da [Europa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Europa). Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Paris> acesso em 01/02/22 [...] |

Durante a pesquisa paralela nem todos os itens passíveis de pesquisa são bem compreendidos quando transcritos, ou não é possível realizar a pesquisa na internet, em bibliotecas ou livros, especialmente quando o entrevistado refere-se a uma pessoa apenas pelo primeiro nome ou apelido, por isso a palavra ou trecho é destacado em vermelho e é inserido, também, em nota de rodapé, para a realização das pesquisas biográficas complementares, assim como os trechos e palavras inaudíveis, com a ajuda do entrevistado.

**Tabela 6 - Palavras destacadas para pesquisa com o entrevistado**

| **Estela Sandrini** | **Fernando Velloso** |
| --- | --- |
| **Ex.** [...] e o Lopes, nós fomos descobrir que nós estávamos fazendo o caixão do Lopes, ele estava produzindo o caixão dele, que era um caixão que quando ele morresse, ele ia ser enterrado naquele caixão, tem até na revista panorama. [...] | **Ex.** [...] nessa altura nosso grande amigo também participou do movimento chamado de Renovação. Veja como era heterogêneo, e que eu poderia fazer, ter uma bolsa de estudo, em Paris. [...] |

E na adequação do texto para a compreensão integral durante a leitura, na primeira etapa de revisão algumas repetições ou termos, são primeiro identificados e destacados em amarelo, e corrigidos na sequência, como: né? – não é?; pra – para; tava, teve – estava, esteve; dai - então; punha- colocava; etc. Para que na segunda etapa de revisão seja analisado e então retirado do texto repetições e cacoetes de fala em excesso.

**Tabela 7 - Demarcação de palavras para correção**

| **Estela Sandrini** | **Fernando Velloso** |
| --- | --- |
| **Ex**. de erros de digitação e correções na sequência.  [...] e só jogavam terra encima encima ou vinha um e jogava num em algum buraco e punha colocava terra encima em cima, e nisso ele lembrava e contava muito para nós. [...] | **Ex**. de erros de digitação e correções na sequência.  [...] E qual foi a tua sua visão né não é, já que você obrigatoriamente como muitos outros artistas, né não é, do mesmo período e até hoje tiveram que assumir essa vida dupla né não é, o cargo e a atividade? [...] |

No decorrer das três etapas de revisão de transcrição são realizadas correções de palavras trocadas, acréscimo inexistentes, erros de ortografia e digitação, ordem inversa de palavras ou frases e principalmente omissões, todos destacados em amarelo e corrigidos na sequência.

**Tabela 8 - Demarcação de trechos para correção**

| **Estela Sandrini** | **Fernando Velloso** |
| --- | --- |
| **Ex.** As palavras destacadas: “assim“ e “vocês” ” são omissões; A frase destacada “que de ir pra luta, vocês vai para a luta” é um acréscimo inexistente..  [...] ele dizia assim: “filha vocês não pensem que vocês vão ser iguais a mãe, as tias de vocês, vocês vão ter que de ir pra luta, vocês vai para luta, vão para luta [...] | **Ex.** A frase destacada: “que era chamada” é um acréscimo inexistente.  [...] e depois passava uma mistura que era coisa mais infernal, você derretia a cola, que era chamada chamava cola de marceneiro. [...] |

Na terceira etapa de revisão é realizado o copidesque, ou seja, a adequação do texto para leitura, onde absolutamente todos os erros e acréscimos são retirados do texto, deixando apenas as correções. E, ainda, caso necessário são feitas adequações para que uma frase seja perfeitamente compreendida, a seguir um exemplo da primeira etapa de revisão de transcrição da Estela Sandrini e o mesmo trecho da terceira etapa de revisão de transcrição.

**Tabela 9 - Adequação do texto**

| **Estela Sandrini** |
| --- |
| **Ex. primeira etapa de revisão:** [...] O Erbo tinha uma figura, que eu vou te descrever um pouquinho porque era um sabor muito interessante, ele era altíssimo, que tinha um cabelo bem branco, ele era um homem altíssimo, tinha um cabelo branco, homem lindo, um homem lindo, ele tinha uma fisionomia bem linda, mas brabo, que era de morrer de medo, mas brabo, que para vocês terem uma ideia no dia do vestibular ele brigou com outro professor que estava na nossa porta da belas artes, isso era a Belas Artes, é… e a gente saiu do colégio de freiras vendo tudo aquilo, entramos para estudar para fazer a escola de Belas Artes.[...] |
| **Ex. terceira etapa de revisão:** [...] O Erbo tinha uma figura! Eu vou te descrever um pouquinho, porque era um sabor muito interessante! Ele era altíssimo, cabelo bem branco, um homem lindo! Ele tinha uma fisionomia muito linda, mas era bravo de morrer de medo! Para vocês terem uma ideia, no dia do vestibular, ele brigou com outro professor de tapa e soco na nossa porta da Belas Artes. Isso era a Belas Artes! E a gente saindo do colégio de freiras, vendo tudo aquilo! Entramos para estudar, para fazer a escola de Belas Artes.[...] |

O copidesque é uma etapa de revisão muito importante para a transcrição de entrevistas. É a partir dessa etapa que podemos realizar legendas para a edição dos vídeos das entrevistas gravadas, facilitando sua consulta e acompanhamento das informações prestadas pelos entrevistados. Além disso, o copidesque é o formato de texto que, segundo a metodologia utilizada nesta pesquisa, se aplica para a consulta inicial nos arquivos de história oral para pesquisadores em geral. É nessa última etapa de revisão, portanto, que a transcrição da entrevista se configura como um documento oral sujeito a arquivamento oficial e a se tornar fonte primária para a escrita da história.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES: A HISTÓRIA ORAL A PARTIR DE FONTES ORAIS**

Cada etapa de revisão de transcrição ocorreu em sequência, ou seja, a primeira etapa de revisão da Estela Sandrini foi feita e na sequência a de Fernando Velloso, e assim sucessivamente até a terceira etapa de revisão. Com isso, durante o processo, notamos verossimilhanças entre as entrevistas, pois elas se tratavam de histórias de vida de indivíduos com idades aproximadas, que vivenciaram experiências similares que os conectavam aos mesmos lugares, e a um círculo comum de sociabilidades.

Ambos os entrevistados foram alunos do curso de Pintura da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, e a diferença de quinze anos entre suas formações não impediu que eles tivessem professores em comum, o que faz com que seus depoimentos sejam complementares acerca das informações relativas à EMBAP e as sociabilidades nela geradas. Essa complementaridade é um fator que potencializa a importância das pesquisas em História Oral como a que empreendemos, na revisão de transcrições, considerando a documentação dela resultante para o ARQVART, e sua utilização a longo prazo por diferentes pesquisadores.

Como mencionamos anteriormente, o tipo de entrevista adotado pelo Programa é o da história de vida. Neste tipo de entrevista, os entrevistados são estimulados por seus entrevistadores a comentar, ou descreverem sua vida e vivências desde sua origem, passando por sua formação escolar e profissional, seguida pela descrição de sua carreira até o presente. Tudo isso permeado pelas emoções, interpretações e julgamentos subjetivos que o entrevistado realiza para cada vivência narrada. Suas escolhas do que descrever e do que omitir sobre sua vida e relacionamentos.

Neste tipo de entrevista, um diálogo entre entrevistado e entrevistador é estabelecido, e o depoimento segue o fluxo da fala do entrevistado com poucas intervenções do entrevistador. Dessa forma, segundo Alberti, a entrevista dirigida como conversa “produz melhores resultados do que aquela em que o pesquisador não intervém diretamente” (2004, p.119), ou aquela em que há direção total por meio de questionário direto. Nestes dois outros tipos de entrevistas há mais chances dos entrevistados não abordarem determinadas questões de interesse do entrevistador ou escolherem omiti-las por identificar rapidamente a intenção do pesquisador.

No exemplo a seguir, a Tabela 1 traz recortes dos depoimentos de Estela Sandrini e Fernando Velloso que tratam sobre fatos ocorridos com um professor que os dois entrevistados tiveram em comum ao frequentar a EMBAP em seu período de formação. Cada recorte está caracterizado pelo estilo de fala próprio dos entrevistados, e versam sobre o fato de como as diferentes turmas de estudantes (a de Sandrini e a de Velloso) lidavam com a deficiência auditiva do professor Oswald Lopes[[10]](#footnote-9) e sobre as peripécias realizadas pelas mesmas turmas ao se relacionarem com esse professor em específico.

**Tabela 1 - Oswald Lopes**

| **Estela Sandrini** | **Fernando Velloso** |
| --- | --- |
| [...] mas ele (Oswald Lopes) era surdo que era uma desgraça, muito surdo! Então, a gente fazia assim na sala tam, tam…[demosntração de batidas sobre a mesa] para ver até aonde ia a surdez dele. Conforme a surdez, a gente começava a conversar. Se a surdez tivesse boa aquele dia, a gente ficava quieta, se não ele tacava barro na gente [...] | [...] Oswald Lopes que era pintor e fazia uma escultura, uma pequena obra e pintava também. O professor Oswald sofreu muito com a gente! Ele era totalmente surdo e usava um aparelho. E independente, nós fazíamos todas aquelas sacanagens que sempre (se) faz: ficar fingindo que falava e não falava [...] |

A lembrança destes acontecimentos, aparentemente frequentes durante a formação dos entrevistados, demarca uma memória significante para eles, e nos mostra, como identificado por Thomson, que existem relações entre reminiscências individuais e coletivas, entre memória e identidade ([THOMSON](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24707/D%20-%20KATIUCYA%20PERIGO%20%28VOL%202%29.pdf?sequence=2&isAllowed=y) *et al.,* 2006, p 69-72). Fernando Velloso foi da primeira turma de formandos no curso Superior de Pintura[[11]](#footnote-10) na EMBAP (1948-52), e como já comentamos, está quinze anos distante da formação da Estela Sandrini no mesmo curso (1963-67). Mesmo assim, como pode ser observado nesses fragmentos dos depoimentos dos dois entrevistados, o tratamento dado pelos alunos ao professor deficiente auditivo, era muito semelhante.

Essa coincidência de tratamento observada nas narrativas de nossos entrevistados nos permitem pensar até mesmo na tradição oral “[...] para falar do processo pelo qual a informação é transmitida de uma geração à seguinte [...]” (CRUIKSHANK, 2006, p. 151). Podemos especular que as diferentes turmas de estudantes, ao longo dos quinze anos que separam as vivências de Sandrini e Velloso na EMBAP, transmitiram uma para as outras oralmente as “peripécias” realizadas pelos estudantes nas aulas do professor Lopes, em razão de sua condição auditiva. E que essa tradição oral manteve viva também a prática de tais “peripécias” estudantis.

Outro ponto a ser observado sobre a característica dos documentos orais que demarcam sua importância para a história, é que eles podem carregar um tipo de informação que Documentos oficiais não registram, como aquela oriunda de “rumores” ou “afetos”, trazendo a tona para nós a revelação do “indescritível”, porque é uma realidade que raramente aparece nos documentos escritos, seja porque são considerados insignificantes, ou inconfessáveis (JOUTARD, 2000, p 33).

Na Tabela 2, por exemplo, podemos ver duas narrativas diferentes (a de Sandrini e a de Velloso) sobre as mesmas pessoas, mas que apresentam duas perspectivas diferentes sobre o mesmo fato. A primeira dotada de “rumores”, e a segunda dotada de características de afeto estabelecidas pelo entrevistado por uma das pessoas mencionadas em seu depoimento.

**Tabela 2 - Guido Viaro e Waldemar Curt Freyesleben**

| **Estela Sandrini** | **Fernando Velloso** |
| --- | --- |
| [...] Freyesleben e o Viaro não se davam. Viravam a cara um pro outro. O Viaro ficou noivo da irmã do Freyesleben. No dia do noivado, (os convidados) só falaram em alemão, aí o Viaro ficou bravo, jogou a aliança e foi embora. Então, eles não se davam, eles passavam no corredor assim, um olhando para o outro. [...] | [...] Freyesleben era a principal vítima do Viaro! Freyesleben era frágil, era uma personagem muito tímida e tal. E o Viaro com aquele jeitão rústico dele. O Viaro era uma pessoa espetacular, porque ele era de uma grossura física e de gestos, e coisa impressionante! E era uma pessoa de um coração, um amor, uma…, sabe? E era um contraste grande! Era um homem forte! Ele pegava o Freyesleben quando conseguia dar a mão, ele moía a mão do Freyesleben. O Freyesleben se encostava na parede [e falava]: “não venha Viaro, não venha”![...] |

Ambos os entrevistados relatam sobre o desentendimento entre os professores Waldemar Curt Freyesleben[[12]](#footnote-11) e Guido Viaro[[13]](#footnote-12), mas diferente do caso anterior a maneira como os fatos são retratados se diferenciam bastante. Fernando Velloso, em seu depoimento, faz uma descrição de seu professor Guido Viaro que torna evidente sua admiração e afeto por esse professor em específico. Já o breve fragmento do depoimento da Estela Sandrini, apresenta informações não vivenciadas por ela, dotadas de rumores, de “um ouvir falar” sobre um fato que aconteceu muitos anos antes de sua entrada na EMBAP, e que nos mostra aparentemente o motivo do prolongamento do desentendimento entre os professores Viaro e Freyesleben, e:

[...] Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da história oral: fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida são ensejo a percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa. [...] (CRUIKSHANK, 2006, p. 156)

Na História Oral a utilização de fontes orais, aqui Estela Sandrini e Fernando Velloso, distingue-se como um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, assim como nos depoimentos dos entrevistados, a citação e descrição de fatos, incrementados de nomes, colabora ainda mais para que aconteça um intercâmbio para a pesquisa em várias áreas possíveis.

Uma vez que a partir da História Oral e a utilização de fontes orais, áreas como a antropologia, sociologia, ciências sociais e etc, criam seus próprios métodos de acordo com as necessidades que a pesquisa exige. E segundo Jorge Eduardo Aceves Lozano “[...] A História Oral continua parecendo constituir certa novidade, já que sua matéria, a vida e a experiência humanas, continua, no espaço e no tempo presente, tão fresca e tão próxima como sempre esteve. [...]” (2006, p 18)

Podemos concluir que, a relação entre o entrevistador oral e a fonte oral entrevistada, quando bem estabelecida pode gerar um aprofundamento ainda maior sobre fatos narrados, ampliando a qualidade da entrevista gravada, da mesma forma que incrementando-a. Isso tudo nos tornou claro que, a partir da oralidade, as transcrições de entrevistas como documentos da história podem vir a gerar ainda mais resultados a longo prazo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para melhor apresentar a metodologia utilizada na revisão das transcrições das entrevistas gravadas, a partir da utilização de fontes orais, e com base no Manual de História Oral de Verena Alberti, elaboramos tabelas comparativas que apresentaram a descrição de como são feitas as etapas mais importantes do processo de revisão de transcrição de entrevista. Conectamos, também, a pesquisa em História Oral com o estudo de caso individual, mediante a verossimilhanças observadas nas duas entrevistas a partir de nossas fontes orais.

Na primeira seção do nosso artigo comentamos que utilizamos o áudio bruto para a realização das revisões de transcrição de entrevista, para trabalharmos nas três etapas de revisão de transcrição, descrevendo cada particularidade e a metodologia realizada para a padronização final do documento.

Com as tabelas demonstrativas selecionamos trechos das entrevistas de Fernando Velloso e Estela Sandrini, e os apresentamos em paralelo. Essa forma foi muito importante, pois com ela conseguimos demonstrar tanto as características do trabalho de revisão das transcrições, como as similaridades dos assuntos abordados nas entrevistas e sua conexão com o contexto.

Durante nosso processo de pesquisa e revisão notamos essas verossimilhanças entre as entrevistas, e na segunda seção tratamos sobre como o discurso pessoal de nossos entrevistados os conectam a partir de lugares e sociabilidades. Suas vivências se conectam, e essa conexão, mesmo quando levantadas a partir de “peripécias”, “rumores” ou “afetos”, apresenta uma realidade específica do passado que só pode ser acessada por meio da prática da História Oral.

Tudo isso, nos permitiu chegar a conclusões sobre aquilo que se conserva nas memórias individuais e coletivas. Sobre como essas memórias, no passado, se configuraram como uma tradição oral que transmitiu informações e práticas de uma geração para outra. E também, da influência que a forma como a relação entre entrevistado e entrevistador se estabelece tem para se acessar todas essas informações do passado, pois é essa forma que pode diminuir ou aumentar a ocorrência das omissões desses fatos “insignificantes”.

A pesquisa em História Oral realizada com apenas duas unidades de entrevistas orais pode nos mostrar a grandiosidade que o depoimento oral tem na construção da história. Isto, desde seu processo de elaboração técnica, até o desenvolvimento teórico e histórico, com a descrição da dinâmica das relações entre fatos e eventos vivenciados em paralelo por indivíduos distintos.

Com a execução das etapas de revisão de transcrição de entrevistas e a pesquisa teórica sobre a relação que a história oral estabelece com os depoimentos orais, registrados pelo Programa, podemos compreender portanto, a importância do nosso processo de revisão, primeiro por estarmos criando arquivos de importância para o campo de pesquisa que estamos inseridos, e segundo por estarmos gerando documentos para mais áreas de pesquisa.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2a edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. *In:* AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8a edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. cap. 11, p. 149-164.

JOUTARD, Philippe. Avaliações e tendências da história oral: Permanecer fiel às inspirações iniciais. *In*: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM. (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. cap. 2, p. 33-36.

LOZANO. Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. *In:* AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8a edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. cap. 2, p. 15-25.

SANDRINI, Estela. **Transcrição de entrevistas filmadas**. [entrevista concedida a] Lilian Hollanda Gassen. Curitiba, 21 de março de 2017.

[THOMSON, Alistar, FRISCH, Michael e HAMILTON, Paula . Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. *In*: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral.** 8a edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. cap. 6, p. 65-91.](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24707/D%20-%20KATIUCYA%20PERIGO%20%28VOL%202%29.pdf?sequence=2&isAllowed=y)

VELLOSO, Fernando Pernetta. **Transcrição de entrevistas filmadas**. [entrevista concedida a] Lilian Hollanda Gassen. Curitiba, 17 de fevereiro de 2017.

1. O Programa de História Oral da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), Campus I da UNESPAR, tem como finalidade principal a implementação de um acervo digital de história oral, ARQVART, mediante produção de entrevistas filmadas sobre a história de vida de indivíduos ligados ao meio artístico de Curitiba. Ele teve início em 2015 e mantém atividade até os dias atuais, o que inclui esta pesquisa. [↑](#footnote-ref-0)
2. Estela Carmem Pereira Sandrini ou Teca Sandrini (Curitiba-PR, 1944). Formou-se em pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Especializou-se em Escultura no ateliê de Juan Carlo Labourdette, na Argentina; em gravura e pintura no Maryland Institute of Arts (EUA). Foi professora na EMBAP e orientou cursos de escultura no Centro de Criatividade de Curitiba. MON. Biografia: Estela Sandrini. Disponível em: <https://www.tourvirtual360.com.br/mon/biografias.html#estela> acesso em 25/04/22 [↑](#footnote-ref-1)
3. Fernando Pernetta Velloso (Curitiba-PR, 9 de agosto de 1930). Formou-se em pintura na Escola de Música e Belas Artes (EMBAP). Estudou em Paris, França, como bolsista. Propôs a criação e a regulamentação e exerceu o cargo de diretor do Museu de Arte Contemporânea do Paraná, entre 1970 e 1984. Guia das Artes: Fernando Velloso. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/fernando-velloso#:~:text=Fernando%20Velloso%20%2D%20Guia%20das%20Artes&text=Fez%20o%20curso%20de%20pintura,e%20instalou%2Dse%20em%20Curitiba>. acesso em 25/04/22 [↑](#footnote-ref-2)
4. Arquivo de documentos Orais do Campo Artístico de Curitiba. [↑](#footnote-ref-3)
5. ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2a edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. [↑](#footnote-ref-4)
6. Para a História Oral existem diferentes temáticas de entrevistas, por exemplo, aquela originária de questionário direto, a que foca em um fato ou evento específico e aquela da história de vida, em que o entrevistado é estimulado a construir uma narrativa sobre toda a sua vida, visando a sequência de perguntas realizadas pelo entrevistador, até o presente. (ALBERTI, 2004, p. 219-222) [↑](#footnote-ref-5)
7. Bruto = Termo utilizado dentro do programa para referir-se ao primeiro e/ou original áudio gerado, primeiro vídeo ou primeira transcrição, sem alterações ou edições. [↑](#footnote-ref-6)
8. Tal alteração de velocidade pode ser decorrente de uma série de incidentes tecnológicos: a programação do dispositivo de gravação incorreta, mudanças do formato e/ou tamanho do arquivo, alterações decorrentes do desmembramento do áudio, alterações que ocorreram no aplicativo de edição, falhas ao salvar o arquivo de áudio em decorrência do aplicativo de edição, etc. [↑](#footnote-ref-7)
9. O Windows Media Player (WMP) é um [programa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Software) reprodutor de [multimédia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Multim%C3%A9dia), ou seja, [áudio](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81udio) e [vídeo](https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%ADdeo) em [computadores pessoais](https://pt.wikipedia.org/wiki/Computador_pessoal) e vem acoplado ao [sistema operacional](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_operacional) Windows. Produzido pela [Microsoft](https://pt.wikipedia.org/wiki/Microsoft), está disponível gratuitamente para o [Microsoft Windows](https://pt.wikipedia.org/wiki/Microsoft_Windows), além de outras plataformas. Ele substituiu um antigo programa chamado apenas de [Media Player](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Media_Player&action=edit&redlink=1), adicionando recursos além da simples reprodução de áudio. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Windows_Media_Player> acesso em: 30/05/22 [↑](#footnote-ref-8)
10. Oswald Lopes ([Curitiba](https://pt.wikipedia.org/wiki/Curitiba), [18 de fevereiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/18_de_fevereiro) de [1910](https://pt.wikipedia.org/wiki/1910) — [9 de janeiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/9_de_janeiro) de [1964](https://pt.wikipedia.org/wiki/1964)). Freqüentou o ateliê de [Alfredo Andersen, porém](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Andersen) não como aluno regular. Foi escultor por vocação, um auto didata. Foi professor de desenho em vários colégios de Curitiba. Em 1948, participa como um dos fundadores da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, onde foi o primeiro professor de modelagem, cadeira pela qual passou uma geração de artistas plásticos de destaque. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Oswald_Lopes> acesso em 29/08/22 [↑](#footnote-ref-9)
11. Em 2018 esse curso recebeu uma atualização curricular e passou a se chamar Bacharelado em Artes Visuais. [↑](#footnote-ref-10)
12. Waldemar Curt Freyesleben(Curitiba, Paraná, 1899 - 1970). Pintor, crítico de arte e professor. Realiza a sua primeira exposição individual em 1921, no Paraná, onde também leciona na Escola de Música e Belas Artes, de 1948 a 1968. Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10177/freyesleben> acesso em 29/08/22 [↑](#footnote-ref-11)
13. Guido Pellegrino Viaro (Veneto, Itália 1897 - Curitiba, Paraná, 1971). Pintor, ilustrador, caricaturista, desenhista, escultor, gravador, professor e articulista. Atuou em instituições de arte como o Ateliê/Escola de Desenho e Pintura Guido Viaro e a Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em Curitiba. Foi inaugurado o Museu Guido Viaro, na capital paranaense, em 1975. Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9385/guido-viaro> acesso em 29/08/22 [↑](#footnote-ref-12)